

## ARTIGO

### **OS BRASILIANISTAS ESTÃO CHEGANDO: AS CONTRIBUIÇÕES DOS PESQUISADORES ESTRANGEIROS PARA OS ESTUDOS SOBRE A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

GERALDO MAGELLA DE MENEZES NETO

Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC).  
Professor de História e Estudos Amazônicos da Secretaria de Estado de Educação do  
Pará (SEDUC). Doutor em História Social da Amazônia na Universidade Federal do  
Pará (UFPA).

E-mail: [geraldoneto53@hotmail.com](mailto:geraldoneto53@hotmail.com)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5097-196X>

**RESUMO:** A literatura de cordel surgiu no Nordeste do Brasil no final do século XIX, tendo como principal suporte os folhetos, com narrativas de diversos temas. Ao longo do século XX, foi objeto de atenção de vários pesquisadores que buscavam entender a visão de mundo das camadas populares. Na segunda metade do século XX, o cordel passa a receber a atenção de pesquisadores estrangeiros, os chamados “brasilianistas”. Estes pesquisadores vinham com apoio financeiro de suas instituições de origem, os que os possibilitou a viajar pelo Brasil, visitando feiras, as casas dos poetas e adquirindo folhetos para a constituição de acervos. O presente artigo propõe analisar a contribuição dos brasilianistas aos estudos da literatura de cordel no Brasil a partir de cinco autores: Raymond Cantel, Mark Curran, Joseph Luyten, Candace Slater e Martine Kunz. Entendemos que não se pode fazer uma abordagem da historiografia do cordel sem fazermos referências aos estudos destes autores, que trouxeram novos olhares e perspectivas ao entendimento do cordel brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasilianistas; Cultura popular; Literatura de cordel.

## **THE BRAZILIANISTS ARE COMING:**

### THE CONTRIBUTIONS OF FOREIGN RESEARCHERS TO THE STUDIES ON THE CORDEL LITERATURE IN BRAZIL IN THE SECOND HALF OF THE TWENTIETH CENTURY

**ABSTRACT:** Cordel literature appeared in the Northeast of Brazil at the end of the 19th century with the main support of booklets, with narratives of various themes. Throughout the 20th century, it was the subject of several researchers who sought to understand the world view of the popular classes. In the second half of the 20th century Cordel began to receive the attention of foreign researchers called “brazilianists”. These researchers came with financial support from their institutions of origin, which enabled them to travel around Brazil, visiting fairs, house of poets and acquiring booklets for the constitution of collections. This article proposes to analyze the contribution of Brazilianists to Cordel literature studies in Brazil from five authors: Raymond Cantel, Mark Curran, Joseph Luyten, Candace Slater and Martine Kunz. We understand that it is not possible to approach the historiography of Cordel without making references to the studies of these authors, who brought new perspectives to the understanding of the Brazilian Cordel.

**KEYWORDS:** Brazilianists; Popular culture; Cordel literature.

Recebido em: 05/03/2022

Aprovado em: 16/05/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v74p177-204>

## INTRODUÇÃO

O cordel no mundo inteiro  
Está chamando atenção  
Em teses de doutorado  
E de pós-graduação  
É, nos Estados Unidos  
Na Rússia, França e Japão. (FORTALEZA, VIANA, 2006, p. 23).

Os versos acima, de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana, em *A didática do cordel*, destacam a importância que a literatura de cordel adquiriu como objeto de estudo nas pesquisas acadêmicas não somente no Brasil, mas também em outros países. De fato, um olhar sobre a historiografia do cordel não pode desconsiderar a influência dos estudos produzidos por pesquisadores estrangeiros que contribuíram com diferentes perspectivas para um entendimento maior do cordel e a sua valorização enquanto objeto de estudo acadêmico.

Essa atenção dos chamados “brasilianistas” ao cordel ocorreu a partir do final da década de 1950, quando vários pesquisadores fizeram viagens ao Brasil para conhecer mais de perto essa manifestação literária e cultural e realizaram estudos que depois foram publicados em forma de teses, livros e artigos. O fato de receber apoio financeiro de suas instituições de origem possibilitou que esses brasilianistas fizessem pesquisa de campo por vários estados brasileiros, conhecessem diversos poetas, circulassem por feiras e mercados para registrar a venda e leitura de cordel, entrassem em contato com intelectuais brasileiros, além de adquirirem um *corpus* considerável de folhetos. Tudo isso se refletiu em vários trabalhos que foram publicados por eles sobre o cordel.

Dessa forma, considerando a importância desses estudos, nosso objetivo neste trabalho é analisar as pesquisas dos brasilianistas e suas contribuições para a historiografia da literatura de cordel na segunda metade do século XX. Abordamos aqui cinco autores: Raymond Cantel, Mark Curran, Joseph Luyten, Candace Slater e Martine Kunz. Entendemos que a produção desses pesquisadores foi fundamental para que o cordel pudesse ocupar um espaço nas universidades e estimulasse a formação de acervos de literatura de cordel.

Devido ao contexto atual de grandes dificuldades, dada a pandemia da covid-19 e também à falta de apoio à pesquisa científica pelo governo brasileiro, o que nos impede de ter maiores condições de acesso a arquivos e fontes diversas, vamos priorizar como fontes as obras disponíveis em português. O artigo será dividido da seguinte forma: primeiro, vamos realizar uma breve discussão acerca do termo “brasilianista”; em seguida, analisamos as obras e ideias dos cinco autores estrangeiros; por fim, problematizamos suas contribuições para a historiografia do cordel dentro do contexto da segunda metade do século XX e também os limites de seus trabalhos.

Cabe esclarecer que antes da chegada dos brasilianistas na década de 1950 já havia estudos sobre a literatura de cordel no Brasil. Podemos citar como o principal nome desse contexto o folclorista Luís da Câmara Cascudo. Para Cascudo, o cordel fazia parte da “Literatura Popular”, definida como “impresa, tendo ou não autores sabidos, identificáveis”, sendo um “reflexo poderoso da mentalidade coletiva em cujo meio nasce e vive”, retrato do seu “temperamento, predileções, antipatias” (CASCUDO, 1979, pp. 12-13). Os estudos de Câmara Cascudo vão ser lidos pelos brasilianistas, influenciando também em suas compreensões sobre o cordel, principalmente a ideia de que este é reflexo da mentalidade coletiva das camadas populares.

## **OS “BRASILIANISTAS”: ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES**

O termo “brasilianista” é comumente utilizado para se referir aos pesquisadores estrangeiros que são especialistas em assuntos brasileiros, que geralmente realizam viagens de campo para o Brasil para desenvolver suas pesquisas. Segundo Fernanda Peixoto Massi, este termo foi cunhado pela primeira vez no Brasil em 1969 por Francisco Assis Barbosa em apresentação do livro *Brasil: de Getúlio a Castelo*, de Thomas Skidmore. (MASSI, 1990, p. 29).

Massi nos apresenta o contexto no qual ocorre uma ampliação nos investimentos na viagem dos brasilianistas para pesquisa no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, principalmente daqueles provenientes dos Estados Unidos, fenômeno que é denominado pela autora de “brasilianismo”. O motivo fundamental desse interesse foi a revolução cubana e, em um momento posterior, o golpe de 1964. Grandes levas de pesquisadores - antropólogos, sociólogos, cientistas políticos e, sobretudo, historiadores -

chegavam ao Brasil anualmente para explicar a história política, econômica e social do país, e conhecer o seu perfil como nação. (MASSI, 1990, p. 30).

Já Paulo Roberto de Almeida observa a importância do *National Defense Education Act* de 1958 que, estabelecido por decisão do Congresso americano, irrigou, através de seu famoso “Title VI”, as universidades dos EUA com generosos recursos federais dirigidos à pesquisa, ao treinamento e ao ensino de questões latino-americanas nos centros universitários e de estudo. Os brasilianistas, segundo Almeida, teriam surgido como uma subespécie de um gênero mais abundante, os “Latin-Americanists” (ALMEIDA, 2002, p. 30).

O fenômeno do brasilianismo foi objeto de algumas críticas nas décadas de 1960 e 1970, o caráter científico de seus trabalhos foi colocado em dúvida, na medida em que seus objetivos “seriam menos intelectuais e mais políticos.” Outros mencionavam o “empirismo desenfreado”, já que os brasilianistas “são sempre melhor informados que os brasileiros, mesmo que não saibam tratar corretamente tais informações e oferecer análises concretas sobre a história recente do Brasil” (MASSI, 1990, p. 34).

Tal contexto de críticas aos brasilianistas está relacionado, segundo observa Regina da Luz Moreira, a uma série de problemas enfrentados pelo pesquisador brasileiro, que o colocava em situação inferior face ao estrangeiro, como a deficiência dos cursos de graduação, voltados basicamente para a formação de professores, e pela falta de uma estrutura eficaz que garantisse os recursos financeiros necessários para o bom desempenho. Soma-se a isso, o expurgo realizado nos quadros universitários após o golpe de 1964. (MOREIRA, 1990, p. 67). Em que pese essas discordâncias, Moreira aponta que é inegável a importância dos trabalhos desenvolvidos pelos brasilianistas, tanto pela divulgação de novos arquivos, ou de acessos até então vedados aos pesquisadores brasileiros, neste processo de “vivificação” da memória. (MOREIRA, 1990, p. 69). Até a década de 1990, do ponto de vista disciplinar, o mais numeroso grupo de brasilianistas era composto por historiadores, seguido por antropólogos e economistas (MASSI, 1990, p. 35).

Atualmente, existem alguns pesquisadores que discordam da persistência do termo “brasilianista”, a exemplo da historiadora norte-americana Barbara Weinstein, que procura distanciar-se dos estereótipos clássicos relacionados a este termo (WEINSTEIN, 2016). No entanto, entendemos que o termo ainda é válido para se referir aos pesquisadores

estrangeiros que se dedicaram a estudar a história e a cultura do Brasil na segunda metade do século XX, a exemplo da literatura de cordel. Compreendemos também que ele pode servir a outros estrangeiros, não apenas os norte-americanos, como foram os casos de Raymond Cantel, Joseph Luyten e Martine Kunz. Embora sejam de países e áreas de estudos diferentes, entendemos que o termo nos ajuda a pensar as especificidades de suas pesquisas naquele contexto histórico e a razão dos interesses na escolha do cordel como fonte de estudo, demonstrando a importância de suas pesquisas para a consolidação da historiografia do cordel brasileiro. A ideia aqui não é generalizar que todos, denominados brasilianistas eram iguais, mas que cada um ao seu modo possui visões distintas dentro daquele momento que possibilitaram entender melhor este fenômeno literário.

Começamos então falando do pioneiro deles, o francês Raymond Cantel.

## **RAYMOND CANTEL E O INÍCIO DO INTERESSE DOS PESQUISADORES ESTRANGEIROS PELO CORDEL BRASILEIRO**

O pesquisador francês Raymond Cantel (1914-1986) é considerado o pioneiro na pesquisa com o cordel brasileiro nas universidades estrangeiras. Cantel lecionou na Universidade de Poitiers, na França, onde dirigiu a faculdade de Letras e fundou o *Centre de Recherches Latino-Américaines* (CRLA), antes de concluir sua carreira em Paris na Universidade da Sorbonne. Entre os anos 1950 e 1960, começou a reunir uma coleção de folhetos, e diversos materiais relativos à literatura de cordel produzida no Brasil. (CANTEL, s/d).

Conforme Sylvia Nemer, a primeira visita de Cantel ao Brasil ocorreu em 1959, dando início a um importante intercâmbio entre os pesquisadores da França e do Brasil:

O objetivo inicial de Cantel era verificar as expressões do sebastianismo na cultura brasileira. O tema, trabalhado na sua recém defendida tese de doutorado, acabou o levando à interessar-se pela literatura de cordel na qual destacava-se, fortemente, a dimensão religiosa e utópica. Porém, ao contrário da sua hipótese original, o que ele observou no seu contato com os folhetos foi uma visão de mundo pautada não pelo sebastianismo, mas por apelos proféticos fundados nas figuras de

Padre Cícero e Frei Damião, vistos como entes sagrados enviados à terra para alertar o povo sobre os males provocados pelo demônio. (NEMER, 2018, p. 6).

Gilmar de Carvalho contextualiza a chegada de Cantel ao Ceará, no final dos anos 1950, um momento em que a literatura de cordel florescia, tendo a Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, em Juazeiro do Norte, como grande polo produtor e irradiador para todo o país. Carvalho destaca que Cantel fez o circuito nordestino, onde foi interlocutor de Câmara Cascudo e entrevistou o famoso cantador Patativa do Assaré, depois divulgado na França por meio de seus seminários (CARVALHO, 2002).

Segundo o dossiê de registro do cordel como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Cantel foi o primeiro a adotar o termo “literatura de cordel” para os folhetos nordestinos<sup>1</sup> a partir do final da década de 1950, quando passou a colaborar com instituições acadêmicas brasileiras por meio de conferências e artigos publicados, associando “a poesia em versos produzida pelos poetas brasileiros com a literatura dita de cordel praticada na Europa” (BRASIL, 2018, p. 53). Contudo, esse pioneirismo de Cantel no uso do termo não é unanimidade, pois Ana Galvão relaciona a difusão da expressão “cordel” no Brasil ao folclorista Câmara Cascudo (GALVÃO, 2006, pp. 26-27).

Infelizmente, Cantel não deixou muitos trabalhos em português, priorizando suas publicações na Europa. Seu único livro em nosso idioma é *Temas da atualidade na literatura de cordel*, publicado em 1972 (CANTEL, 1972). Tratava-se de uma iniciativa da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) de traduzir alguns ensaios divulgados esparsamente em publicações periódicas europeias, num momento em que o pesquisador francês estava no Brasil para ministrar um curso de especialização intitulado “Literatura de Cordel: Canal de Comunicação Popular” (MELO, 1972).

No primeiro capítulo da obra, Cantel analisa a forma como os poetas retrataram a morte de Getúlio Vargas (1882-1954). Os folhetos sobre este tema são reconhecidos como os que mais venderam na história do cordel, com

---

<sup>1</sup> Até a década de 1950, o cordel era reconhecido pelos poetas, público e pesquisadores por diversos termos, tais como: “folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, “folhinhas”, “livrinhos”, etc. (GALVÃO, 2006, pp. 26-27).

cerca de um milhão de exemplares. (CANTEL, 1972, p. 5). Cantel divide essa produção em três momentos: a primeira, com os folhetos publicados no mesmo dia da morte do presidente, em 24 de agosto de 1954, a exemplo do poeta Delarme Monteiro da Silva, em Recife, que logo após ouvir a notícia no rádio escreveu seus versos, levou para imprimir numa tipografia e no final da tarde já tinha as primeiras tiragens do folheto. (CANTEL, 1972, p. 9). A segunda leva, publicada nos dias seguintes, já era mais rica em detalhes e em fatos novos, relatando a emoção no país, com informações, por exemplo, sobre os funerais de Getúlio. (CANTEL, 1972, p. 10). Por fim, o terceiro momento se refere aos folhetos com biografias de Getúlio, na qual “iria-se voltar no tempo cantando sua vida política, sua juventude e mesmo seu nascimento” (CANTEL, 1972, p. 13). Cantel ainda adiciona a esse rol um folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante que caminha em direção ao tema do maravilhoso, sobre a chegada de Getúlio ao céu.

O segundo capítulo trata sobre a execução de Caryl Chessman, nos Estados Unidos, em 1960. Cantel identificou cinco folhetos publicados sobre o tema. O pesquisador observa que os poetas escreveram por sua própria conta, mas sua poesia “traduz fielmente a emoção sentida na costa, no agreste e no sertão por milhões de homens de coração simples e direito” (CANTEL, 1972, p. 46).

No terceiro capítulo, Cantel aborda a questão religiosa nos folhetos, nos quais encontra uma quase unanimidade de poetas que escrevem a favor do catolicismo e contra os protestantes. O protestante, em geral é representado como “sectário e agressivo. O proselitismo é a sua meta. É ele que provoca uma discussão com o católico” (CANTEL, 1972, p. 54). Segundo o autor, as formas mais intelectuais de apologia ao catolicismo nos folhetos recorrem à advertência, à meditação e principalmente ao debate e à discussão. Cantel identifica que a presença de palavras como “aviso” e “advertência” nos títulos dos folhetos “assegura o sucesso dessas brochuras junto a uma clientela ávida de conselhos e de proteção num mundo cruel onde os embustes se apresentam a cada passo” (CANTEL, 1972, p. 59).

A quantidade de folhetos que tratam das querelas entre católicos e protestantes está relacionada ao avanço das religiões protestantes, chamadas pejorativamente de “novas-seitas”, no Nordeste na segunda metade do século XX. Cantel observa que os folhetos “representam uma tentativa de reação



popular, a maioria delas espontânea, contra essa invasão” (CANTEL, 1972, p. 68).

Em seus estudos, Raymond Cantel se utilizou de seu vasto acervo de folhetos para investigar quais “temas da atualidade” estavam sendo mais abordados pelos poetas populares, valorizando seus olhares. O pesquisador demonstra seu vasto conhecimento no tema do cordel, citando a procedência de poetas, a estrutura das estrofes e a bibliografia mais relevante da época, como as publicações da Casa de Ruy Barbosa. Carvalho resume a importância de Cantel para os estudos do cordel brasileiro dizendo que a partir dele, os estudos sobre folhetos “ganham visibilidade e aumentaram de quantidade”, tendo um papel de “divulgação no exterior e, entre nós, chancelava essa literatura, ainda hoje vista com preconceito por uma parte das elites que pensa só existir a alta cultura” (CARVALHO, 2002).

### **MARK CURRAN E O CORDEL COMO CRÔNICA POÉTICA E HISTÓRIA “NÃO OFICIAL” DO BRASIL**

Alguns anos após as primeiras viagens de Cantel ao Brasil, outro estrangeiro também passou a se interessar pela literatura de cordel brasileira, o norte-americano Mark Joseph Curran. Ele é professor aposentado de Língua Portuguesa e Estudos Brasileiros da *Arizona State University*. Possui PhD em Espanhol e Estudos Latino-Americanos pela *Saint Louis University*, no ano de 1968. (CURRAN, 2013). Vamos comentar mais especificamente sobre dois livros de Curran publicados no Brasil: *História do Brasil em cordel*, originalmente de 1998 (CURRAN, 2003), e *Retrato do Brasil em cordel*, de 2011 (CURRAN, 2011). Entendemos ser relevante considerar estas obras porque expressam o resultado de décadas de pesquisa, principalmente na segunda metade do século XX, e a compreensão de Curran sobre o significado da literatura de cordel no Brasil.

Curran narra que conheceu os folhetos de cordel em 1964, numa aula de Literatura Brasileira na *Saint Louis University* com a professora Doris Turner, que, “pesquisando a obra do escritor Jorge Amado, reconheceu o valor da literatura de cordel e a trazia ao conhecimento de seus alunos nos Estados Unidos” (CURRAN, 2003, p. 11). Desde então, se apaixonou pelo tema

e decidiu investigá-lo. Assim, na década de 1960, Curran viaja ao Brasil para conhecer mais de perto o cordel:

Desde 1966, percorri vilas e cidades do Brasil que produzem folhetos de cordel, indo a seus mercados e feiras para comprá-los e ouvir os poetas cantarem ou declamarem seus versos diante de um público entusiasmado, além das visitas que fiz às casas desses poetas para aprender mais sobre eles e suas vidas. Consultei grandes bibliotecas e institutos de pesquisa; conheci estudiosos e pesquisadores e, além disso, pesquisei os principais acervos públicos e particulares sobre a literatura de cordel. O resultado é uma coleção própria de mais de três mil originais e dezenas de cópias xerocadas. (CURRAN, 2011, p. 13).

Mark Curran viajou ao Brasil num contexto em que vários estudantes norte-americanos de literatura brasileira realizaram estudos no país. Conforme K. David Jackson, alguns viajaram ao Brasil com as bolsas de pesquisa da Fundação Fullbright, outros por intermédio da Fundação Ford. No Brasil, eles juntaram-se a colegas brasileiros e respectivas instituições, a exemplo do Instituto de Estudos Brasileiros, a Casa Rui Barbosa, o Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, o Instituto Joaquim Nabuco (JACKSON, 2002, p. 129). Jackson observa que “os estudantes americanos adaptaram-se a um contexto brasileiro e, em maior ou menor grau, identificaram-se com os interesses e métodos de seus colegas brasileiros no estudo da literatura nacional”, mostrando um elevado grau de assimilação da realidade brasileira, extraordinário pela fluência na língua e a familiaridade com as práticas culturais (JACKSON, 2002, pp. 129-130).

Não por acaso, percebemos que Curran dialoga com vários autores brasileiros que já vinham estudando o cordel desde o início do século XX a partir de conceitos como “folclore” e “cultura popular”, tais como Gustavo Barroso, Câmara Cascudo, Manuel Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa. Nesse debate, Curran entende o cordel como “um meio híbrido”, ou seja, é “popular em termos de produção, disseminação e consumo, enquanto conservadoramente folclórico no pensar de seus poetas *tradicionais* e do público” (CURRAN, 2003, p. 19, grifos do autor). Nessa perspectiva, Curran considera o cordel como fruto da autoria reconhecida de um poeta e também fazendo parte de um sistema editorial, além da questão do poeta e público compartilharem valores e visões de mundo que são expressos nas histórias em versos.

Em *História do Brasil em cordel*, Mark Curran analisa como a literatura de cordel retratou a história do Brasil no século XX, a partir de folhetos que abordaram desde a Guerra de Canudos até o período da redemocratização. O autor trabalha com o que ele denomina de “folhetos de acontecido”, de cunho jornalístico que contavam os últimos acontecimentos, tornando-se assim uma fonte “não oficial” deste período. Tais folhetos, segundo o autor, “são realmente memória, documento e registro de cem anos da história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época” (CURRAN, 2003, p. 19). Dessa forma, para Curran, o poeta cordelista é também “historiador popular”, pois, “o cordel como crônica poética e história popular é a narração em versos do ‘poeta do povo’ no seu meio, ‘o jornal do povo’” (CURRAN, 2003, p. 20).

Como cronista e historiador, o poeta acompanha os principais fatos de sua época, procurando informar o povo. No capítulo “1930-1954: A época de Vargas”, por exemplo, Curran demonstra como os poetas abordaram os acontecimentos do período do líder populista. Curran identifica que os poetas não deixam de se posicionar, muitos apoiando Getúlio. Segundo o autor, no cordel, Getúlio “simbolizou pela primeira vez a vitória dos pobres, historicamente dominados pela classe alta, tanto na extinta era da escravidão quanto na do governo oligárquico, que continuara a submeter a classe pobre rural” (CURRAN, 2003, p. 112).

Já em *Retrato do Brasil em cordel*, Curran amplia a sua abordagem, analisando temas diversos que foram retratados nos folhetos de cordel que vão além dos “últimos acontecimentos”, tais como a religião; heróis como Carlos Magno e Lampião; a seca e as migrações; as pejejas, o gracejo e o futebol; os temas “modernos”, como o movimento feminista e homossexual, a AIDS e a violência. O pesquisador norte-americano explica a importância desses folhetos:

Eles nos revelam, em sua essência, as crenças religiosas básicas dos poetas de cordel e do seu público, o comportamento moral consequente, seus modelos heroicos na vida do dia a dia, os problemas que enfrentam há séculos e suas soluções, suas distrações e diversões, suas opiniões sobre os acontecimentos e os líderes políticos do país e do mundo, os desafios no fim do século XX e no começo do novo milênio e, finalmente, suas esperanças e aspirações. Tudo isso expressa,

em certo sentido, sua cosmovisão, seu modo de vida. No fim, é o próprio Brasil que é retratado no vasto universo do cordel. (CURRAN, 2011, p. 15).

Mark Curran tem o mérito de ter feito um amplo levantamento de folhetos ao longo do tempo, o que lhe permitiu abordar diferentes temas do cordel. O procedimento do autor pode ser identificado da seguinte forma: primeiro faz um resumo sobre o contexto histórico do tema que o folheto aborda; em seguida, cita trechos de folhetos que trataram da temática, uma forma de registro “não oficial” a partir da visão dos poetas populares. Tal metodologia pode ser vista como por demais descritiva e não analítica, mas o próprio Curran deixa claro na Introdução do *Retrato do Brasil em cordel* que o livro “não é teórico em sua abordagem; ao contrário, é descritivo e, principalmente, informativo”, tendo como objetivo “contar uma estória, recontar o que o cordel (um meio folclórico-popular) diz dos brasileiros e do Brasil” (CURRAN, 2011, p. 16).

## **JOSEPH LUYTEN E A LITERATURA DE CORDEL COMO “JORNALISMO POPULAR”**

Outro pesquisador importante para a literatura de cordel foi o holandês Joseph Maria Luyten (1941-2006). Uma particularidade de Luyten em relação aos outros brasilianistas é que ele fez toda a sua formação no Brasil, sendo radicado em nosso país por vários anos, inclusive se naturalizando brasileiro. Estudou Administração (PUC, 1964), Jornalismo (Cásper, 1968) e Letras/Inglês (Mogi, 1968), além de especializações em Literatura Inglesa (USP, 1970) e Jornalismo (Cásper, 1977). Seu mestrado em Ciências da Comunicação em 1980 na USP, sob a orientação de Egon Schaden, intitulado *A Literatura de Cordel em São Paulo*, foi publicado no ano seguinte, com o título *A Literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*. Já a tese de doutorado, na mesma instituição e com o mesmo orientador, foi defendida em 1984 com o título *A notícia na Literatura de Cordel*, sendo publicada em 1992 (AMPHILO, s/d).

Em *A Literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*, Luyten analisa a contribuição de São Paulo para a produção de folhetos de cordel no Brasil, fazendo um amplo levantamento de poetas que vivem no

estado. A importância de São Paulo nessa produção se dá a partir da década de 1960, com o aumento da migração de nordestinos para o estado em busca de oportunidades de trabalho devido ao processo de industrialização e a implantação de várias empresas multinacionais. Segundo Luyten, mesmo na condição de migrante, o poeta popular em São Paulo “cumpre o seu papel de líder de opinião para com as classes subalternas às quais nunca deixa de pertencer” (LUYTEN, 1981, p. 30).

Luyten destaca a atuação da editora Prelúdio, posteriormente denominada Luzeiro, que se torna a editora mais importante no campo do cordel nas décadas de 1960 e 1970, com vendas superiores às editoras nordestinas, que enfrentavam um momento de crise. Os fatores para o sucesso da Luzeiro apontadas pelo autor, são: uma ampla rede de vendedores; o melhor acabamento gráfico; a reedição de obras famosas ou o fato da editora procurar lançar poemas de sucesso; o fato de se pagar em dinheiro e não em folhetos, fazia com que os poetas procurassem editar suas obras pela editora (LUYTEN, 1981, p. 131). Contudo, o sucesso da Luzeiro foi alvo de críticas de estudiosos e poetas, principalmente pelos aspectos gráficos, já que os folhetos da editora paulista eram de tamanho maior, além de capas coloridas, o que desvirtuava o “verdadeiro cordel nordestino”. Luyten se posiciona a favor da editora, demonstrando que o aprimoramento gráfico e as revisões no processo de produção do folheto de cordel já eram motivos de preocupação dos grandes editores do passado, como os irmãos Batista e João Martins de Athayde (LUYTEN, 1981, p. 124). Para o autor, a exigência de pesquisadores e jornalistas, “embora bem-intencionados em seu zelo pela autenticidade de manifestações populares”, é, ao mesmo tempo, “uma imposição das elites, das classes dominantes, para uma manutenção do *status quo*, da pobreza incipiente em que se encontra o artista popular” (LUYTEN, 1981, pp. 134-135).

Luyten observa uma mudança nos temas dos folhetos produzidos em São Paulo no final da década de 1970, com tendências políticas contestatórias e de movimentos sindicais e estudantis, que alcançava características próprias, independentes de ligações com sua origem nordestina (LUYTEN, 1981, p. 193), fenômeno que o autor denomina de “agressividade”. Essa produção é uma forma de contestar a ideia difundida por muitos pesquisadores de que os poetas de cordel são “conservadores”. Os poetas, já ambientados em seu novo local de moradia, passam a abordar questões que

afligem as camadas populares deste espaço, como a exploração do trabalhador, a corrupção, as más condições da educação, o aumento do custo de vida.

Em *A notícia na Literatura de Cordel* Luyten tem uma preocupação mais teórica em tentar definir o que denomina de folhetos “noticiosos”, aqueles que contêm mensagens de cunho informativo:

Como hipótese de trabalho temos a tentativa de demonstração de que os folhetos noticiosos da Literatura de Cordel constituem um sistema de Jornalismo Popular, resguardadas as suas características de aperiodicidade, âmbito restrito e estruturação poética. Como todos os outros meios de informação, entretanto, a Literatura de Cordel não subsiste por si, mas é concomitante a outros sistemas comunicativos (LUYTEN, 1992, p. 13).

Dialogando com vários teóricos do jornalismo que abordaram a literatura de cordel como meio de informação, Luyten identifica nos folhetos noticiosos os quatro fatores que determinam o valor da notícia, tais como: oportunidade, proximidade, tamanho e importância (LUYTEN, 1992, pp. 37-38). Estes folhetos não se preocupam somente com aspectos informativos, mas também com aspectos interpretativos e opinativos (LUYTEN, 1992, p. 23). Uma característica deles é que vendem muito logo em seguida à publicação e depois deixam de ser adquiridos para dar lugar a outros, com informações mais novas (LUYTEN, 1992, p. 64).

Os folhetos noticiosos existem desde os primórdios do cordel, pois o próprio Leandro Gomes de Barros produziu vários folhetos com críticas sociais, sendo um repórter “do povo para o povo” (LUYTEN, 1992, p. 88). Assim, Luyten aponta que o cordel noticioso não nasce na cidade grande, apenas se desenvolve mais, com a migração para os grandes centros. Também ressalta que o poeta deve ter a confiabilidade de seu público, sendo um “líder de opinião”, que se situa entre os sistemas de comunicação de massa e as comunicações de cunho interpessoal (LUYTEN, 1992, p. 172).

O grande mérito dos trabalhos de Joseph Luyten é que, ao contrário daqueles que apregoavam o fim do cordel, seja devido à concorrência com os modernos meios de comunicação, como a TV, ou pelo fato dos folhetos das décadas de 1960 a 1980 apresentarem diferenças em relação aos folhetos tradicionais nordestinos, o pesquisador holandês procurou analisar as transformações ocorridas a partir de vários fatores, como o fenômeno

migratório, os temas sociais que mais afligiam os migrantes nordestinos em São Paulo, a prática editorial da Luzeiro, a importância que os folhetos noticiosos vão adquirindo. Como todas as que são consideradas “culturas populares”, a literatura de cordel também é afetada pelas transformações socioeconômicas e culturais advindas do desenrolar do processo histórico, refletindo os novos espaços, temas, públicos e meios de produção. Isso não era considerado na abordagem dos “puristas” ou “tradicionalistas”, que preferiam condenar o cordel produzido no centro-sul. Já Luyten buscou valorizar essa produção.

### **CANDACE SLATER E A ANÁLISE ESTRUTURALISTA DO CORDEL**

Ao mesmo tempo em que Luyten fazia suas pesquisas, outra estrangeira passou a se dedicar aos estudos do cordel: a norte-americana Candace Slater. Slater é professora do Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Bekerley. Possui PhD pela Universidade de Stanford no ano de 1975. Seu interesse pelo Brasil e pela literatura de cordel começou com a leitura de *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa e da obra de Ariano Suassuna:

Então sempre tinha interesse pelo fundo popular e uma coisa puxou outra e eu comecei a ter amizade e eu fui viajando para as casas dos parentes, dos amigos e descobri a coisa do Cordel. E tinha interesse no começo, por exemplo, na literatura de Ariano Suassuna e ele me mandou para casa dele em Tapeorá e achei muito mais interessante, quer dizer o Ariano é fabuloso, mas eu achei que foi aquilo que realmente mais me impressionou. Então eu queria estudar Cordel, eu queria depois... Depois eu fui pra Juazeiro, eu queria estudar as histórias que as pessoas contam sobre Padre Cícero. (SLATER, 2010).

Sua pesquisa com o cordel se deu entre 1977 e 1979, período em que fez pesquisa de campo no Brasil com o apoio financeiro da Fundação Tinker (SLATER, 1984, p. XI). O livro com o resultado de seus estudos foi publicado originalmente em inglês, *Stories on a String: The Brazilian Literatura de Cordel*, no ano de 1982, sendo lançado em português com o título *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil* pela editora Civilização Brasileira, no ano de 1984.

A autora norte-americana apresenta um trabalho denso de pesquisa, entrevistando dezenas de poetas, ilustradores, consumidores de folhetos e pesquisadores do cordel. Utilizando do recurso da observação participante, a pesquisadora presenciou a venda e leitura de folhetos nas feiras do Nordeste, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e se hospedou na casa de poetas acompanhando de perto o processo de produção das histórias. Tais procedimentos investigativos possibilitou à pesquisadora apresentar um panorama geral da literatura de cordel no Brasil do final da década de 1970 e início dos anos 1980.

O mais inovador em termos teórico-metodológicos na obra de Candace Slater é a proposta de análise estruturalista do cordel, a partir de teóricos do estruturalismo e da semiótica, a exemplo de Claude Lévy-Strauss, Vladimir Propp e Tzvetan Todorov. Ao contextualizar os estudos sobre o cordel na época, afirmando que “o grosso” das publicações “tem sido principalmente descritivo” (SLATER, 1984, p. 66), além de criticar os trabalhos que propõem classificações dos folhetos a partir de sua temática, o que, segundo a autora, possui sérias desvantagens, pois não há um consenso definitivo, e que “o problema básico dessas categorias é serem amorfas” (SLATER, 1984, pp. 68-69), Slater aponta que a análise estrutural ao mesmo tempo que revela a unidade instrínseca das estórias de cordel, permite considerável variação, salientando relacionamentos insuspeitados entre folhetos aparentemente separados, assim como diferenças cruciais entre contos aparentemente similares (SLATER, 1984, p. 70).

Nessa perspectiva, a autora sugere o que denomina de esquema dos “seis passos” da análise do cordel, resumido da seguinte forma:

Em termos bem latos, o folheto inicia pintando um quadro de (1) *harmonia*, que reflete o cumprimento de obrigações morais e materiais implícitas na combinação. Na maior parte dos casos, o pacto é entre pessoas socialmente desiguais, embora haja um grupo de estórias nas quais os dois parceiros estejam no mesmo nível. Inevitavelmente, esta harmonia inicial é ameaçada quando um participante do acordo (que pode ser tanto uma comunidade como um indivíduo) se defronta com (2) uma *prova*, que representa não apenas um julgamento do caráter dele mas do poder e legitimidade do próprio pacto. Sua (3) *reação*, seja certa ou errada, gera uma (4) *contra-resposta* pelo outro participante, e o corpo do texto normalmente revela uma série destas ações de vai-e-vem, que chegam ao auge no momento do (5) *julgamento* quando o certo é recompensado e o errado punido. A estória fecha, então, com uma (6) *reafirmação* do pacto inicial. Embora diferentes espécies de



estórias obedecem a ritmos de desenvolvimento ligeiramente diferentes, quase todas vão do equilíbrio através do desequilíbrio e de volta ao equilíbrio. (SLATER, 1984, p. 72-73, grifos da autora).

Para demonstrar a viabilidade desta proposta, Slater analisa alguns folhetos, a exemplo de *O Monstruoso Sequestro de Serginho*, do poeta Apolônio Alves dos Santos. Baseado em um caso real, o sequestro e assassinato do menino Serginho na cidade de Bom Jesus de Itabapoana, em 1977, o folheto se enquadraria no que a autora chama de narrativas com pacto “divino/humano”. Slater observa que, embora o poeta tenha como influência as reportagens sobre o crime nos jornais, ele teve de introduzir algumas alterações para adequar a narrativa ao modelo dos “seis passos”, como a divisão entre o bem e o mal e redução do número de personagens. Ao contrário do repórter de jornal que salienta as minúcias horríveis do próprio crime, o poeta demora-se em seus efeitos sobre outras pessoas (SLATER, 1984, p. 136-137). Segundo o que a pesquisadora identifica, mesmo nos folhetos noticiosos, que tratam dos “últimos acontecimentos”, o poeta tem um compromisso maior com o modelo de narrativa com o qual os leitores estão acostumados, ou seja, “está menos voltado para informar aos leitores do que para moldar seu material a regras literárias relacionados com a concepção que seu grupo tem de como as coisas deveriam ser. Assim, não importa quão exata seja sua narrativa” (SLATER, 1984, p. 152).

Dessa forma, a proposta dos “seis passos” se apresentava como muito interessante para a compreensão geral das narrativas dos folhetos de cordel na época da pesquisa de Candace Slater, na virada da década de 1970 para a de 1980.<sup>2</sup> Em um contexto em que predominavam as análises descritivas e temáticas, a pesquisadora norte-americana buscou a partir de leituras teóricas diversas e de uma grande quantidade de folhetos entender os procedimentos utilizados pelos poetas de cordel para continuar fidelizando o seu público.

## **MARTINE KUNZ E A “REVANCHE POÉTICA” DO CORDEL**

---

<sup>2</sup> Outro trabalho que também se utilizou do aporte estruturalista para analisar as narrativas de cordel foi *O trabalho e a fala (estudo antropológico sobre os folhetos de cordel)*, de Antônio Augusto Arantes, publicado em 1982. (ARANTES, 1982).

A última brasilianista que vamos abordar neste trabalho é a pesquisadora francesa Martine Kunz. Ela é professora de Língua e Literatura Francesas do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC). É Doutora em Literatura Estrangeira pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle com uma tese sobre a obra do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, no ano de 1982. Radicada em Fortaleza, Ceará, desde 1979, naturalizou-se brasileira em 1991 (KUNZ, 2001, p. 111).

Sua primeira viagem ao Brasil ocorreu nos anos 1975 e 1976, quando se deu seu primeiro contato com a literatura de cordel, no lugarejo de Calumbi, perto de Serra Talhada, em Pernambuco:

Foi em Calumbi que assisti pela primeira vez a uma leitura de folheto, pela capa uma história de diabo e cangaceiro. Meu português era pouco, mas nunca esqueci: uma pessoa lia, os outros sentados no chão, em torno dela, escutavam, interferiam, acrescentavam, contestavam, riam, enfim, brincavam. Sem entender toda a história, me encantou o espírito grupal, a interação entre o folheto e os ouvintes. O público era ativo, inventava, recriava sua literatura. O texto vivo se fazia e desfazia no decorrer da performance. Mais uma vez, nada ficou como antes. Pela minha formação universitária, pensava a escrita literária, até então, como um produto de consumo intelectual, solitário e elitista. (KUNZ, 2001, pp. 9-10).

Desde então, Martine Kunz redirecionou sua produção acadêmica para os estudos sobre o cordel. Já em 2001, o Museu do Ceará, publicou o livro *Cordel: a voz do verso*, que reúne alguns artigos de Kunz publicados ao longo de suas pesquisas. Comentaremos dois capítulos que entendemos serem mais relevantes, pois contribuem para a revisão de ideias bastante correntes na historiografia do cordel, como a associação entre o cordel e o “popular” e o poeta como um “conservador”.

Em “Cordel faz média com a mídia”, Kunz problematiza a definição da literatura de cordel como “espelho da alma popular” a partir do caso dos folhetos de propaganda do setor comercial. Analisando alguns folhetos que promoviam uma marca de caminhões, uma rede de supermercados e um shopping, Kunz identifica que o discurso publicitário “infiltra-se, apropria-se do corpo do texto e desvia sextilhas e setilhas, rimas e versos heptassílabos do ritual poético da grande tradição”, tendo como objetivo o lucro (KUNZ, 2001, p. 33). A intenção dessas empresas em encomendar folhetos para os poetas era uma forma de construir uma imagem favorável delas em uma linguagem

conhecida pelo público nordestino. A autora, embora demonstre uma certa antipatia por estes tipos de folhetos, não condena os poetas, afirmando que “não se pode esquecer que o cordel é também sobrevivência” (KUNZ, 2001, p. 49), sendo os folhetos de encomenda uma forma deles conseguirem ganhar uma renda a mais para o seu sustento.

Já em “A revanche poética do cordel”, Kunz analisa a visão de mundo do poeta. Um olhar comum que se tem nas pesquisas é a de que o poeta é conservador, que defende valores religiosos e o governo constituído. Kunz também faz esta constatação:

É verdade dizer que, entre silêncios e protestos, raramente surge uma vontade de mudança; os conflitos são neutralizados, o governo não é considerado como acidente histórico mas como poder de direito divino. A contestação da ordem terrestre abalaria a ordem celeste... O receio de cair na desordem e na subversão desvia o discurso de sua função libertadora. (KUNZ, 2001, p. 61).

Por outro lado, a autora observa que há também na produção dos poetas uma forma de “revanche poética” dos mais pobres contra as injustiças sociais. Esta seria encontrada nas narrativas de ficção: “À realidade opressora do ‘aqui e agora’ denunciada nos folhetos, o poeta opõe um tipo de combate dado no modo imaginário e cujas armas são a utopia, o mito a lenda, o milagre” (KUNZ, 2001, p. 62).

Alguns folhetos são citados pela autora como exemplos dessa “revanche poética”, como *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos. Neste folheto, o misterioso país de São Saruê oferece seus rios de leite, seus montes de carne guisada e seus pés de chapéus de massa, a um povo alegre e forte. Já em narrativas como *Arturzinho e Julieta* e *Alonso e Marina*, os amantes românticos amam-se contra tudo e contra todos, “o amor contestador da ordem adversa confunde-se com a procura da liberdade e da dignidade” (KUNZ, 2001, pp. 62-63).

Dessa forma, Martine Kunz tem o mérito de confrontar algumas ideias preconcebidas no meio do cordel, utilizando os próprios folhetos para construir seus argumentos, como a ideia da “revanche poética” do cordel. Kunz não parte da teoria para a análise, mas da própria fonte para demonstrar algumas variáveis que fogem das ideias mais correntes da historiografia do cordel, a exemplo do “popular” e do conservadorismo. O fato de se fixar no

Brasil e conviver no Nordeste com os poetas possivelmente contribuiu para que ela pudesse encontrar folhetos que fugissem do padrão das abordagens feitas pelos poetas em suas narrativas.

## **CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DAS PESQUISAS DOS BRASILIANISTAS**

Tendo acompanhado as trajetórias dos brasilianistas e suas principais ideias em seus trabalhos, cabe refletirmos sobre quais suas principais contribuições e os limites de suas pesquisas. Primeiro devemos compreender o contexto em que fizeram seus trabalhos. Já na década de 1960, momento das pesquisas de Raymond Cantel e Mark Curran, começava a surgir uma preocupação com o fim da literatura de cordel “original”, devido às alegadas concorrências dos modernos meios de comunicação, como a televisão. Essa preocupação foi intensificada na década de 1970, época das pesquisas de Joseph Luyten e Candace Slater, principalmente com o novo formato de folheto comercializado pela editora Luzeiro. Tendo em vista tal compreensão naquele momento, era urgente registrar o máximo possível dessa manifestação tida como folclórica que estava prestes a desaparecer, a última da tradição dos folhetos populares de larga circulação no mundo, como os *chapbooks* ingleses, a “biblioteca azul” francesa, os *pliegos sueltos* espanhóis e o cordel português, ocorrendo assim uma verdadeira corrida dos intelectuais pelo folclore e pela “cultura popular” original brasileira, algo semelhante ao fenômeno que foi estudado por Peter Burke na Europa da Idade Moderna (BURKE, 2010).

Não por acaso, os brasilianistas foram além das pesquisas nos acervos, pois buscaram ativamente ter a experiência com o cordel: seja acompanhando o processo de escrita e impressão dos folhetos junto aos poetas; observando a venda nas feiras e mercados por poetas e folheteiros; e analisando a reação do público à leitura oral e performance do poeta vendedor. Todas essas ações eram devidamente gravadas (em áudio e/ou vídeo), fotografadas e anotadas nos diários de campo. Além disso, a busca pela preservação do cordel passava também pelo procedimento da coleta de folhetos, sendo comum nas pesquisas a referência à quantidade de folhetos estudados e adquiridos pelos autores, que possuíam um grande acervo

peçoal. Luyten, por exemplo, diz que analisou 989 folhetos de cunho jornalístico, a partir de um acervo de 9.010 folhetos (LUYTEN, 1992, p. 14).

Esse contexto de eventual desaparecimento do cordel também gerou nos pesquisadores uma “busca pelas origens” do cordel nordestino e brasileiro. Na maioria dos trabalhos há uma preocupação em mostrar a trajetória do cordel a partir de uma origem “nobre” para demonstrar sua relevância. Esse início remonta à época da colonização portuguesa, depois adquirindo características próprias, com a predominância das narrativas em sextilhas e septilhas. Isso é mais visível nas obras de Luyten e Slater. Slater, por exemplo, indica “meia dúzia de tradições separadas” que contribuíram para o folheto, como “as baladas orais, o livreto europeu, mais especificamente português (que inclui baladas escritas e almanaques astrológicos), e os diálogos ou competições de versos improvisados bem brasileiros (desafios ou pelejas)”, que remontam à “*tenzone* dos trovadores medievais” (SLATER, 1984, p. 4).

Essa suposta origem europeia da literatura de cordel nordestina e brasileira, principalmente sua associação com o cordel português dos séculos XVII-XIX foi problematizada depois por outros trabalhos. Márcia Abreu destaca o fato de que os folhetos de cordel portugueses se caracterizavam pela sua materialidade, por serem impressos em papel barato, podendo ser tanto em formato de prosa quanto em poesia. Por outro lado, os folhetos nordestinos seriam caracterizados pela sua forma poética. Dessa forma, ela questiona: “se o que define essa literatura são aspectos formais, como vincular seu surgimento aos cordéis portugueses, que não possuem qualquer uniformidade?” (ABREU, 1999, p. 119). Já Aderaldo Luciano identifica que o termo ‘cordel’ aparece primeiramente nos textos do pesquisador Teófilo Braga no século XVII se referindo a impressos que circulavam em Portugal, sendo a partir dele que estudiosos brasileiros passam a comparar o folheto brasileiro ao português (LUCIANO 2012, p. 15). Para o autor, tal termo é “mal empregado em relação aos nossos folhetos de cordel, visto que são fenômenos distintos, havendo mais divergências do que semelhanças entre eles” (LUCIANO 2012, p. 83).

Percebemos algumas transformações ocorridas ao longo do tempo nas pesquisas dos brasilianistas. Inicialmente, devido à necessidade de “salvar” e tornar o cordel mais conhecido do grande público, era necessário apresentá-

lo, inclusive ao público estrangeiro que iria ler os trabalhos destes pesquisadores. Essa apresentação acabava por trazer uma abordagem mais descritiva dos folhetos e de seus temas, o que foi feito principalmente nas obras de Cantel e Curran (este último mesmo em livros publicados no final do século XX e início do XXI). Essa forma de análise mais descritiva foi sendo alvo de críticas, a exemplo da realizada por Candace Slater em sua obra. Tanto a pesquisadora norte-americana, como Joseph Luyten, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, já buscaram realizar uma abordagem do cordel com uma preocupação mais teórica, no sentido de apontar novos caminhos de pesquisa, seja a partir de um viés das teorias do jornalismo ou dos métodos do estruturalismo. Martine Kunz de certa forma combinou esses dois vieses, apresentando capítulos ora descritivos, ora de análises teóricas, como a ideia da “revanche poética” do cordel.

Identificamos nos trabalhos dos brasilianistas problemas relacionados a alguns termos utilizados em suas pesquisas, particularmente mais evidentes em *A vida no barbante: a literatura de cordel*, de Candace Slater, notadamente na forma como é vista a relação entre a cultura “popular” e a “erudita”. O trabalho de Slater, embora procure valorizar os poetas de cordel, acaba por realizar uma hierarquização de saberes, colocando-os numa categoria à parte. Por exemplo, a autora abusa de expressões como “pessoas instruídas”, “pessoas cultas”, “escritores cultos” para se referir a pesquisadores e universitários.<sup>3</sup> Nesta categoria não se enquadram os poetas populares, como se, por não possuírem formação acadêmica, seus conhecimentos e saberes fossem menores.

Dessa forma, essa valorização do cordel acaba sendo realizada por um “olhar de cima”, ou seja, do pesquisador que não se coloca em posição de igualdade em relação aos envolvidos na produção do cordel, mas como alguém superior que possui o poder de classificar hierarquicamente a produção cultural que é objeto de pesquisa. Aqui é importante retomarmos o que diz Roger Chartier, de que “a cultura popular é uma categoria erudita”, já que os debates em torno da própria definição de cultura popular são travados a propósito de um conceito que quer “delimitar, caracterizar e nomear

---

<sup>3</sup> O Apêndice da obra, que traz a relação dos entrevistados para a pesquisa é dividido em Apêndice A, com informações sobre “Artistas, Autores e Outras Pessoas Instruídas Entrevistadas”; e Apêndice B, com a relação dos “Poetas Populares Entrevistados”.

práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencendo à ‘cultura popular’.” Essa definição é produzida como uma “categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita” (CHARTIER, 1995, p. 179).

Outro problema é que por vezes Slater se utiliza de expressões de preconceito racial. Quando escreve sobre a rotina do poeta Apolônio Alves dos Santos, a autora se refere a um homem que faz negócios com o poeta, um “homem escuro chamado Jair” (SLATER, 1984, p. 131). Em outra passagem, a autora identifica pessoas humildes como “espécie de gente”, um termo que denota certa inferioridade daquelas pessoas. Por exemplo, a parte em que mostra fotografias do público consumidor de folhetos é acompanhada pela seguinte legenda: “Um rosto na feira. Esta e as cinco ilustrações mostram a espécie de gente que rodeia o poeta na feira e compra o que ele tem a oferecer. Reparem na idade e nos antecedentes étnicos” (SLATER, 1984). Entendemos que apesar de pesquisadores como Slater demonstrarem interesse pela cultura brasileira, acabavam por colocar o Brasil como um país inferior, exótico, reproduzindo assim estereótipos sobre o país e seu povo.

Esse exotismo também é reforçado com a repetição da ideia de que o cordel é o símbolo do Nordeste brasileiro, uma região que acaba sendo vista como atrasada, menos desenvolvida, portanto, estando mais ligada às tradições como a literatura de cordel. O Nordeste aparece nas obras dos brasilianistas como algo cristalizado e a sua cultura como sendo uma materialização destas tradições, como o folclore a cultura popular, sendo necessários preservá-las para se manter o próprio Nordeste como algo original, sem interferências externas.

Esta visão idealizada do Nordeste e sua cultura é problematizada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que baseado nas concepções teóricas de Michel Foucault, afirma que a região Nordeste é uma “invenção imagético-discursiva”, sua criação está relacionada ao “medo de não ter espaços numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo se esvair”, levando assim à uma ênfase na tradição (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, pp. 88-90).

Nessa construção da identidade regional, Albuquerque Júnior identifica uma idealização do popular, que se confunde com o de “tradicional” e “antimoderno”, fazendo com que a construção imagético-discursiva

Nordeste tenha enorme poder de impregnação nas camadas populares. Aqui ganha importância o folclore, que aparece como um elemento de integração do povo nesse todo regional, apresentando “uma função disciplinadora, de educação, de formação de uma sensibilidade, baseada na perpetuação de costumes, hábitos e concepções”, construindo “novos códigos sociais, capazes de eliminar o trauma, o conflito trazido pela sociabilidade moderna”, contribuindo para a invenção de tradições (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, pp. 91-92).

Assim, no contexto da segunda metade do século XX, com a industrialização acelerada no Sudeste e a migração em massa de nordestinos para esta região, além da penetração de novos costumes advindos da TV e do cinema, dos polos considerados mais desenvolvidos, seja do Sudeste do Brasil, ou, no caso do exterior, norte-americano, tornava-se necessário reforçar uma cultura “original”, de raiz nordestina. Desse modo, o cordel também era visto como um dos elementos a reforçar essa identidade nordestina, uma cultura que deveria ser salva e preservada.

Como explica Chartier, o “popular”, qualifica um tipo de relação, “um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras.” O trabalho do historiador não seria o de caracterizar conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados (CHARTIER, 1995, p. 184). Essa percepção crítica da “cultura popular” e do “folclore” ainda não estava presente na época das pesquisas dos brasilianistas.

Por outro lado, mesmo reforçando o uso de termos relacionados ao cordel como “folclore” e “cultura popular”, há de se reconhecer que as pesquisas dos brasilianistas foram fundamentais para abrir espaço e reconhecimento da literatura de cordel como objetos de estudo dentro das universidades. Até então, o cordel era visto como objeto de estudo dos folcloristas, sendo um dos elementos de estudo do chamado “movimento folclórico brasileiro”<sup>4</sup>, sendo os principais estudos sobre o cordel naquele

---

<sup>4</sup> Segundo Luís Rodolfo Vilhena os folcloristas tiveram forte atuação no campo intelectual brasileiro no período 1947-1964. Liderados por Renato Almeida e Édison Carneiro, que ocupavam espaços nos órgãos do governo federal, tais como o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) e a Comissão Nacional de Folclore (CNFL), esse grupo de intelectuais se caracterizava como um movimento em virtude da “impressionante capacidade que



período publicados em instituições como a Casa de Ruy Barbosa, não pelas universidades.

O interesse dos brasilianistas pelo cordel, portanto, abriu espaço para o cordel no ambiente universitário e incentivou novas pesquisas e olhares. Como dissemos anteriormente, Raymond Cantel esteve no Brasil no início da década de 1970 para ministrar um curso na USP, ou seja, era uma forma de demonstrar a importância que os estrangeiros davam ao cordel e também uma forma de que os estudantes universitários brasileiros voltassem suas investigações para esta forma de cultura popular. O fato de um pesquisador francês se dedicar aos estudos do cordel brasileiro de certa forma conferia um prestígio e uma legitimidade para que o cordel também se tornasse objeto de estudo nas instituições universitárias brasileiras, o que ocorreu a partir do final da década de 1970.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou analisar como os brasilianistas contribuíram para os estudos sobre a literatura de cordel na segunda metade do século XX. Lamentavelmente, no dossiê de registro do cordel do IPHAN, de 2018, os brasilianistas pouco são mencionados, à exceção apenas de Raymond Cantel.<sup>5</sup> Um documento que se propôs a fazer um panorama geral sobre os estudos do cordel no Brasil desconsiderar a contribuição dos brasilianistas é, em nossa visão, um equívoco grande, que deixa de lado pontos de vista e interpretações fundamentais para o entendimento desta literatura.

Buscamos mostrar como essas contribuições são frutos de um momento específico em que ocorreu a vinda de vários pesquisadores estrangeiros ao Brasil, num contexto em que principalmente os norte-americanos investiram no financiamento de pesquisas para conhecer melhor o Brasil para evitar que a ameaça socialista se espalhasse pela América Latina.

---

demonstrou de mobilizar a opinião pública em torno dos temas da identidade nacional e da cultura popular." Esta mobilização incluía "gestões políticas, apelos à opinião pública, grandes manifestações coletivas em congressos e festivais folclóricos." (VILHENA, 1997, p. 27-28). Os folcloristas analisaram vários objetos das chamadas classes populares que representavam a identidade nacional, como a música popular, os folguedos e também a literatura de cordel.

<sup>5</sup> Participaram do dossiê: Supervisão geral: Maria Elisabeth Andrade Costa; Assistente: Guacira Waldeck, ambas do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; Coordenação da Pesquisa e Elaboração de Texto Rosilene Alves de Melo. (BRASIL, 2018, p. 234).

Longe de serem representantes do imperialismo norte-americano e europeu, Cantel, Curran, Luyten, Slater e Kunz de fato se envolveram com o nosso país e a literatura de cordel, realizando trabalhos de campo, mantendo contatos com poetas, público, pesquisadores brasileiros, e formando acervos. Todos eles relatam o tempo em que conheceram o cordel e viajaram pelo Brasil com muita emoção e nostalgia.

Nesse sentido, é natural que várias de suas ideias já sejam questionadas, pois são frutos de um outro contexto, da segunda metade do século XX. No entanto, as próximas pesquisas que estão por vir não podem deixar de lado esse caminho que foi trilhado lá atrás pelos brasilianistas e tantos outros pesquisadores brasileiros que nos possibilitam hoje dar continuidade e valorizar cada vez mais esta manifestação cultural que tanto admiramos: a literatura de cordel.

## REFERÊNCIAS

### SITES

AMPHILO, M. I. **Joseph Luyten: Inovador da Escola Latino Americana.** s/d. Disponível em: [https://fapesp.br/eventos/2013/08/ciclo\\_de\\_conferencias/amphilo.pdf](https://fapesp.br/eventos/2013/08/ciclo_de_conferencias/amphilo.pdf) Acesso em: 16 jul. 2021.

CANTEL, R. **Acervo Raymond Cantel.** s/d. Disponível em: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3> Acesso em: 18 jul. 2021.

CARVALHO, G. de. Cantel – por nome Raimundo. **Diário do Nordeste.** Fortaleza, 24 mar. 2002. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1gilmar.html> Acesso em: 16 jul. 2021.

CURRAN, M. **Curran's Cordel Connection.** 2013. Disponível em: <https://currancordelconnection.com/> Acesso em: 16 jul. 2021.

SLATER, C. Entrevista na íntegra. **Museu da Pessoa.** 02 fev. 2010. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/entrevista-na-integra-50680> Acesso em: 27 jul. 2021.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. **História de cordéis e folhetos.** Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ALMEIDA, P. R. de. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. In: BARBOSA, R. A.; EAKIN, M. C.; ALMEIDA, P. R. de. (orgs.). **O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARANTES, A. A. **O trabalho e a fala** (estudo antropológico sobre os folhetos de cordel). Campinas: Kairós/ FUNCAMP, 1982.

BRASIL. Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. **Literatura de cordel: dossiê de registro**. Brasília, 2018.

BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

CANTEL, R. **Temas da atualidade na literatura de cordel**. São Paulo: USP, 1972.

CASCUDO, L. da C. **Cinco livros do povo**. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1979.

CHARTIER, R. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, pp. 179-192.

CURRAN, M. **História do Brasil em cordel**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CURRAN, M. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

FORTALEZA, Z. M. de; VIANA, A. A didática do cordel. In: LIMA, A. V. (org). **Acorda cordel na sala de aula**. Fortaleza: Tupynanquim Editora/Queima-Bucha, 2006.

GALVÃO, A. M. de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JACKSON, K. D. Literatura, cultura & civilização: estudos do Brasil nos Estados Unidos: levantamento histórico e avaliação. In: BARBOSA, R. A.; EAKIN, M. C.; ALMEIDA, P. R. de. (orgs.). **O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LUCIANO, A. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.

LUYTEN, J. M. **A literatura de cordel em São Paulo: Saudosismo e agressividade**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LUYTEN, J. M. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MASSI, F. P. Brasilianismos, “Brazilianists” e discursos brasileiros. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, pp. 29-44, 1990.

MOREIRA, R. da L. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, pp. 66-74, 1990.

MELO, J. M. de. Apresentação. In: CANTEL, R. **Temas da atualidade na literatura de cordel**. São Paulo: USP, 1972.

NEMER, S. O cordel em movimento: diálogos Brasil-França. **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. Rio de Janeiro, 2018.

SLATER, C. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

VILHENA, L. R. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)**. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

WEINSTEIN, B. Sou ainda uma *Brazilianist*? **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 36, nº 72, 2016.